

Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas

Vol. 10



Periodicojs
EDITORA ACADÊMICA



Equipe Editorial

Abas Rezaey

Izabel Ferreira de Miranda

Ana Maria Brandão

Leides Barroso Azevedo Moura

Fernado Ribeiro Bessa

Luiz Fernando Bessa

Filipe Lins dos Santos

Manuel Carlos Silva

Flor de María Sánchez Aguirre

Renísia Cristina Garcia Filice

Isabel Menacho Vargas

Rosana Boullosa

Projeto Gráfico, editoração e capa

Editora Acadêmica Periodicojs

Idioma

Português

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E82 Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas - volume 10. / Filipe Lins dos Santos. (Editor) – João Pessoa: Periodicojs editora, 2023.

E-book: il. color.

E-book, no formato ePub e PDF.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-6010-038-1

1. Estudos interdisciplinares. 2. Ciências Humanas. I. Santos, Filipe Lins dos. II. Título

CDD 001.3072

Elaborada por Dayse de França Barbosa CRB 15-553

Índice para catálogo sistemático:

1. Ciências Humanas: pesquisa 001.3072

Obra sem financiamento de órgão público ou privado

Os trabalhos publicados foram submetidos a revisão e avaliação por pares (duplo cego), com respectivas cartas de aceite no sistema da editora.

A obra é fruto de estudos e pesquisas da seção de Estudos Interdisciplinares em Ciências Humanas da Coleção de livros Humanas em Perspectiva



**Filipe Lins dos Santos
Presidente e Editor Sênior da Periodicojs**

CNPJ: 39.865.437/0001-23

Rua Josias Lopes Braga, n. 437, Bancários, João Pessoa - PB - Brasil
website: www.periodicojs.com.br
instagram: @periodicojs



Capítulo 5

**QUAIS OS ASPECTOS SUBJETIVOS QUE
INFLUENCIAM O PRESIDENCIALISMO DE
COALIZÃO?**



**QUAIS OS ASPECTOS SUBJETIVOS QUE INFLUENCIAM O
PRESIDENCIALISMO DE COALIZÃO?**

**WHAT ARE THE SUBJECTIVE ASPECTS THAT INFLUENCE COALITION
PRESIDENTIALISM?**

Willian Lopes Izaguirre¹

Resumo: Diante do atual cenário sobre o presidencialismo de coalizão, torna-se necessário discutir suas nuances, entre as quais o fisiologismo das instituições parlamentares. No entanto, não basta apenas analisar o processo através de suas consequências, mas principalmente através de suas causas. Para isso, é fundamental discutir analiticamente as transformações na sociedade, principalmente na estrutura econômica, diante de um viés marxista. Como resultado, constata-se uma subjetividade atomizada, com uma linguagem semiótica e pouco reflexiva em aspectos semânticos, maquinica segundo Paulo Guiraldelli. Esse quadro reflete em uma sociedade acrítica politicamente que, por sua vez culmina em instituições políticas fisiológicas e sem representatividade.

Palavras-chave: Presidencialismo de coalizão; Subjetividade Maquinica; Inexistência de representatividade política.

Abstract: Given the current scenario regarding coalition presidentialism, it becomes necessary to discuss its nuances, including the physiology of parliamentary institutions. However, it is not enough to simply analyze the process through its consequences, but mainly through its causes. To achieve

¹ Licenciatura em História- Universidade Estadual de Maringá - Filosofia- Universidade Paranaense Pós Graduação Latus no Ensino de Filosofia pela Faculdade Alfa. Pós graduação em Educação pelo Instituto Ibero-americano. Mestrando em História pela Universidade Estadual de Maringá



this, it is essential to analytically discuss the transformations in society, especially in the economic structure, from a Marxist perspective. As a result, there is an atomized subjectivity, with a semiotic language that is not very reflective in semantic aspects, machinic according to Paulo Guiraldelli. This situation reflects a politically uncritical society which, in turn, culminates in physiological and unrepresentative political institutions.

Keywords: Coalition presidentialism; Machinic Subjectivity; Lack of political representation.

INTRODUÇÃO

O artigo “Presidencialismo de coalizão tem exigido mais e entregueado cada vez menos. Fragmentação partidária reforça gastos em emendas de baixa qualidade, com custos elevados para todos”, publicado no dia 30 de julho de 2023 pelo cientista político, doutor em economia e professor Sênior Fellow do Insper - Marcos Mendes - remete a pulverização do pluripartidarismo do sistema político brasileiro e, conseqüentemente do fisiologismo dos partidos. Mendes (2023) relata que cada vez mais as legendas partidárias exigem emendas de baixa qualidade para interesses particulares em trocas de votos para aprovar pautas do executivo, sendo a Reforma Tributária um exemplo, o que causa atraso a agenda econômica do país.

Mendes (2023) traz que o presidencialismo de coalizão também não entregou os resultados prometidos, pois o país ainda apresenta uma das maiores taxas de juros mundiais, índices de inflação indesejados, baixa produtividade tecnológica e industrial, além de uma renda per capita que varia por volta de 25% da renda dos Estados Unidos. Soma-se aos índices mencionados o aumento do número de partidos com direitos a recursos públicos saltou para 30 e o custo com emendas passou de R\$ 7 bilhões em 2016 para R\$ 35 bilhões em 2023. Assim, o economista alerta para um fracasso do sistema de coalizão.

Entretanto, o renomado economista analisa as conseqüências e resultados produzidos pelo



sistema político atual do Brasil. Como disse Aristóteles na obra “Metafísica”, o movimento do mundo ocorre através de causas e consequências.

De algum modo, aparece nessa passagem o tipo de causa que norteia a investigação metafísica, mostrando que, embora seja de uma ordem superior, a pesquisa se desenvolveu conforme as noções das causas responsáveis pela dinâmica da natureza dos entes. Há, portanto, um projeto estrutural, cuja forma composta de começo, meio e fim, permite acompanhar a dinâmica de qualquer objeto de pesquisa, submetendo-o à uma divisão didática. (ANGELO, 2005. p. 47)

Assim, torna-se necessário analisar o que está no cerne do fisiologismo das legendas partidárias brasileira e o enfraquecimento das pautas políticas legítimas, das ideologias políticas e, sobretudo, dos movimentos populares, seja de ordem estudantil, sindical e até mesmo, comunitário.

Este trabalho terá como objetivo analisar as causas que levam a atomização, fisiologismo político no Brasil e a falta de representatividade partidária. Para isso, será utilizado estudos econômicos e a evolução do capitalismo como a desindustrialização, fruto do neoliberalismo, os conceitos de estrutura e superestrutura de Marx, a divisão dos três poderes de Montesquieu, a subjetividade de Deleuze, O Capitalismo Financeiro-Rentista de Pereira e a Subjetividade Maquínica de Guiraldelli.

DESENVOLVIMENTO

Primeiramente, para compreensão da situação política, cultural e econômica da sociedade, é necessária uma análise de viés marxista da estrutura social. Segundo Marx (1867), o tecido social pode ser dividido em estrutura e superestrutura, sendo a primeira superior hierarquicamente dentro de concepção analítica. A Estrutura corresponde aos meios de produção da sociedade ou de uma comunidade. Atualmente, esses meios estão nas mãos da propriedade privada, cuja função básica não está apenas na produção de meios de existência, mas sim na acumulação de capital, o que é denominado de capitalismo. Por outro lado, a superestrutura corresponde a todas as instituições que permitem a



estrutura se sustentar, ou seja, todo aparato político, o poder e a normatização judiciária, os meios de propaganda e culturais etc.

Todavia, cabe a ressalva que a estrutura capitalista não é estática e vai se alterando dialeticamente com a sociedade. Pereira (2018) diz:

O capitalismo pode estar associado a diversos adjetivos, dependendo do momento histórico, das classes sociais, da natureza da coalizão de classes dominante, da coordenação pelo Estado e pelo mercado, da estrutura política. Considerando apenas as formas existentes de capitalismo e diferentes critérios e pontos de vista, temos: (a) do ponto de vista da nova classe social emergente no século XX, o capitalismo contemporâneo pode ser chamado de capitalismo profissional ou tecnoburocrático; (b) do ponto de vista da coordenação da economia, como capitalismo desenvolvimentista, como ocorreu em todas as revoluções industriais nacionais e nos Anos na Inglaterra e na França (que passaram originalmente por todas as etapas de desenvolvimento capitalista) da década de 1830 à de 1920, e, mais recentemente, de 1979 até 2008; (c) do ponto de vista da coalizão de classes dominante, como capitalismo fordista, depois da Segunda Guerra Mundial, ou capitalismo financeiro-rentista ou neoliberal, desde a década de 1980; (d) do ponto de vista político, podemos identificar um capitalismo social-democrático, como nos países europeus mais avançados e no Canadá, ou capitalismo democrático-liberal, como nos Estados Unidos - o país mais rico, mas uma plutocracia em termos políticos e uma forma de capitalismo regressiva em termos sociais. (PEREIRA, 2018).

Logo, o capitalismo não se restringe apenas ao âmbito econômico, mas sim a todas as esferas da sociedade. Etimologicamente, capital vem do latim *Capitale*, que significa “Cabeça de Gado”, ou seja, a cabeça pensante que subordina toda a superestrutura aos interesses do capital. Atualmente, o capitalismo está na fase rentista ou financeiro. Sobre isso, Pereira (2018) diz:

Quando, na década de 1990, o notável marxista francês François Chesnais lançou a interpretação do capitalismo como capitalismo financeirizado, estava reconhecendo o novo poder dos financistas e das instituições financeiras. Identificara um novo fenômeno histórico que era essencialmente diferente do “capitalismo financeiro” de Hilferding - a fusão do capital bancário com o capital industrial nos grandes bancos comerciais. (PEREIRA, 2018).



Assim, com o predomínio do capitalismo financeiro, os países, principalmente subdesenvolvidos e em desenvolvimento – logo a partir do início da década de 80 do século XX - tiveram uma redução drástica de seu já incipiente processo de industrialização, o que segundo Bartelt (2013) promoveu alterações significativas nas classes sociais, principalmente perda de força da classe média.

Ainda que a definição de classe social não se deva restringir ao critério de rendimento, utiliza-se, na sequência, as informações oficiais existentes para comprovar as hipóteses lançadas anteriormente a respeito do desenvolvimento da classe média motivada fundamentalmente pelo vigor do capitalismo industrial. Assim, países em ritmo de desindustrialização tendem a perder importância relativa de suas classes médias no total global, enquanto o contrário sucedido pelo deslocamento geográfico da produção de manufatura fortalece cada vez mais o peso da estrutura social associada à classe média não proprietária. (BARTELT, 2013)

Fica evidente diante das citações expostas que o capitalismo financeiro promoveu alterações significativas sobre as instituições trabalhadoras, inclusive as de classe média. A desindustrialização resultou no enfraquecimento dos sindicatos, logo, o neoliberalismo – nova forma de liberalismo em que as instituições políticas atuam para o fortalecimento do capital nas instituições financeiras e não mais na indústria - culminou no enfraquecimento dos movimentos dos trabalhadores que saíram das fábricas para trabalharem no setor de serviços, situação mais individualizada do que coletiva. Como resultado dessa atomização social provocada pela estrutura capitalista, torna-se notório os impactos desse processo na subjetividade dos sujeitos e em escala maior, na superestrutura política para acomodar as novas formas de produção.

OS ASPECTOS SUBJETIVOS PROMOVIDOS PELO CAPITALISMO FINANCEIRO

Segundo Deleuze (1968), o regime de signos que compõe a sociedade cria aspectos que permite o indivíduo a se distinguir dos demais seres e dizer “eu sou”, assim uma desterritorialização do



corpo geral em uma identidade, o que promove a retirada na natureza do corpo imediata.

Todavia, os signos da sociedade cada vez se alteram mais rapidamente, o que culmina no enfraquecimento das identidades, pois não há mais tempo hábil para sua formação.

Guiraldelli (2023) corrobora o pensamento marxista de Matteo Pasquinelli sobre a natureza monetária do pensamento e a natureza cognitiva do capital, além de introduzir o conceito de infosfera.

Sobre a natureza monetária do pensamento - Guiraldelli traz na sua obra *Subjetividade Maquínica* – a capacidade atual de abstração de transformar tudo em cifras.

Natureza monetária do pensamento – o que é isso? O pensamento, em especial o pensamento abstrato, em uma certa tradição marxista – como a Escola De Frankfurt à frente -, segue os caminhos do dinheiro. A moeda é uma forma abstrata na medida em que se põe como equivalente universal. É a chamada “abstração real”, principalmente quando da situação do dinheiro no capitalismo. Essa condição é seguida, no plano cognitivo social, de uma preponderância da abstração. Essa abstração ajuda no pensamento científico, claro. Mas também está presente nos modos pelos quais podemos transformar tudo em meras cifras, inclusive nós mesmos. A infosfera está povoada de avatares, de pessoas que adquiriram múltiplas personalidades que são apenas cifras, de locais que acessamos por meio de senhas, mundo ficcional que adquire uma pobreza identitária. Não raro, antes simulacros do que ficções. (GUIRALDELLI, 2023, p. 10 – 11).

Fica evidente como as pessoas estão se atomizando e, até mesmo se transformando em avatares ou simulacros dentro das plataformas virtuais ou midiáticas capitalistas, o que ocasiona na perda de identidade própria e principalmente social.

Sobre natureza cognitiva do capital, Guiraldelli (2023) traz o capital como um sujeito maquinal, ou seja, uma relação de fetiche de algo que pensa e que toma as suas próprias decisões.

Natureza cognitiva do capital – o que significa? Marx chegou a falar do capital como um sujeito maquinal. O capital é uma relação social, mas adquire um caráter fetichizado. Trata-se de um fetiche real. De fato, o capital funciona como algo que “pensa”. O capital forjou sua condição de liberdade e ampliação ao ter sido presenteado por Nixon com a desvinculação da moeda em relação ao ouro. O capital conseguiu novo fôlego de ampliação quando se



tornou menos amarrado, quando pôde viver sob o câmbio administrado pelo mercado e com a política e a legislação flexibilizada pelo neoliberalismo. (GUIRALDELLI, 2023, p. 11).

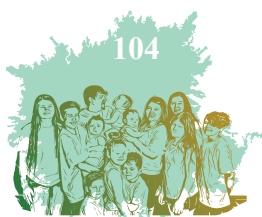
Logo, a partir daí, foram surgindo instrumentos para aperfeiçoamento do capitalismo, como a rede de informática e conseqüentemente a infosfera (meio virtual de comunicação e conseqüentemente de relações econômicas de trabalho e sociais), o que permitiu maior celeridade das transações financeiras e o trabalho individualizado por conexões imediatas. Assim, o capital conseguiu novas formas de exploração do trabalho e, conseqüente enfraquecimento da organização dos trabalhadores.

Não poderia ser diferente, diante da ampliação de negócios que o próprio mercado financeiro gerou, uma vez computadorizado e sob a rede mundial de conexões imediatas. Assim, o capital, ele próprio, conseguiu formas de exploração do trabalho e, ao mesmo tempo, desmobilização de organizações dos trabalhadores (GUIRALDELLI, 2023, p. 11 – 12).

SUBJETIVIDADE E O NOVO MUNDO DO TRABALHO

Após a crise do capitalismo no final da década de 60 do século XX, o capital precisava se expandir e de maior acumulação, para isso, as máquinas passaram por um processo de robotização, o que deixou o homem apenas como uma peça a mais do sistema. Segundo Guiraldelli (2023) a informação se instalou nas fábricas com o advento da internet, assim como em toda a sociedade, o que estabeleceu o fim dos estoques devido à racionalização da produção proporcionado pelo feedback instantâneo de vendas e preferências.

Ainda segundo Guiraldelli (2023), as firmas descobriram que não deviam mais proporcionar apenas produtos e serviços, mas também subjetividades. Assim, surgiu o marketing que associou gostos políticos com produtos e serviços, além de criar o sentimento de necessidade, vinculando a marca aos “estilos de vida”. Logo, o consumo voltou a crescer, porém os salários congelados devido às políticas neoliberais, impossibilitou que os trabalhadores pudessem acompanhar o ritmo das inova-



ções. Como resposta, o capitalismo financeiro lançou o crédito, o que permitiu o consumo além dos salários, o que acarretou um espantoso aumento da bancarização.

Com a criação de uma subjetividade ligada ao produto, o capitalismo se modificou rapidamente. Sobre isso Guiraldelli (2023) diz:

Tendo criado uma subjetividade ligada ao produto, o capitalismo se transformou radicalmente. Gerou a era do prestígio da marca. O cultivo da marca associado ao estilo de vida, para além do próprio consumo do produto propriamente dito, se faz pela necessidade da nova subjetividade já gerada na fase anterior. Associado a isso, todo um novo conjunto de ramos de produtos variadíssimos desapontou – inclusive e principalmente aqueles ligados ao entretenimento entraram para a agenda do consumo. O reino do intangível se estabeleceu. Com a internet, a infosfera gerou filmes, músicas, livros, textos para o consumo imediato e em série. (GUIRALDELLI, 2023, p. 17).

Como soma dessas mudanças, instaurou-se o capitalismo de plataforma, com entregas rápidas, com os serviços terceirizados e informatizados que vivemos hoje.

Assim, nasceu o trabalho ligado a tudo isso, ou seja, o trabalho por aplicativo – a continuidade, pela internet, do que eram o franchise e as terceirizações. Em suma, instaurou-se aí o “capitalismo de plataforma”, no qual vivemos hoje. Do entregador de pizza ao médico, do músico ao que ensina puericultura, todos se platformizaram, e seus trabalhos podem depender ainda da região geográfica, mas em boa parte dependem só da nuvem da internet. A digitalização se completou na sociedade em que impera uma nova fábrica, a “fábrica social”. Ela é própria da sociedade produzindo dia e noite. O tempo livre aumentou e, no entanto, em certo sentido, diminuiu. Todos estão se divertindo e se comunicando com seus smartphones, e trabalhando. Às vezes a própria diversão é trabalho, e vice-versa. (GUIRALDELLI, 2023, p. 18).

Como resultado, todas as estruturas políticas visam a atender essa nova forma de capitalismo financeiro neoliberal, o que criou uma subjetividade diferente, não mais exclusivamente humana, mas híbrida, na qual homem, máquina estão fundidos no campo da infosfera. Essa fusão isola o homem



de seus pares e o atomiza em congruência com a máquina dentro da rede. A essa nova subjetividade, dá-se o nome de subjetividade maquínica.

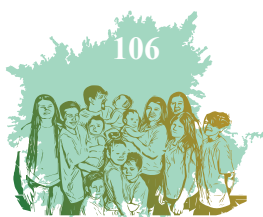
Segundo Guiraldelli (2023), a subjetividade maquínica promove a alteração nos recursos da linguagem humana, pois o homem passou a coabitar a infosfera juntamente com os algoritmos, o que cria uma nova alma ou uma subjetividade maquinal.

No âmbito da infosfera, a parte maquinal deve ter interfaces que acolham os humanos, e para isso requisita deles a simplificação da linguagem. Na prática, isso significa uma infosfera em que se dá a inflação semiótica e, paradoxalmente, uma deflação semântica. (GUIRALDELLI, 2023, p. 45 – 46).

Fica evidenciado com a interface homem e máquina, mesmo com uma proliferação de símbolos, uma perda - proporcionada pela objetividade das máquinas – dos aspectos semânticos interpretativos textuais, o que conseqüentemente promove certa deflação de compreensão política da sociedade por parte dos indivíduos.

Dizemos então que a hermenêutica perde para a ação de conexão de símbolos. Um diagrama apresentado na tela do computador detona um comportamento humano que, por sua vez, aciona o surgimento de outro diagrama ou equação. É assim que humanos e máquinas funcionam, mesmo que fisicamente (ainda) estejam separados (digitar ainda é necessário!) Podemos notar, diante dessa situação, uma espécie de rede de interação, sem que se estabeleça a interpretação, aquilo que em geral se põe quando dois humanos interagem sem mediação maquinal. O imperativo da infosfera é essa interação que, de certo modo, é a própria realidade da subjetividade maquínica. (GUIRALDELLI, 2023, p. 47).

Para se ter dimensão, ao observar a interação entre homem e máquina, em que a parte humana basicamente se retira após a programação do algoritmo, pois os próprios algoritmos passam, além de funcionarem sozinho, dar ordens para as coisas funcionarem. Cabe ressaltar que os algoritmos não



dão comandos ou ordens apenas para outras máquinas funcionarem, mas também para a comunidade humana, tanto em questões básicas do dia a dia como compras e deslocamento, como direcionamento mais complexos, entre eles, investimentos no mercado financeiro e também em aspectos que tangem a educação.

Portanto, a subjetividade maquínica vai deflacionando os aspectos cognitivos e os simplificando em linguagem maquinal. Interpretações mais elaboradas são sucedidas por comandos simples de algoritmos, sendo que esse processo culmina na transformação e fusão da subjetividade humana com a máquina, transformando os seres humanos em uma continuidade dessas máquinas.

Nada além de uma potencialização daquilo que *mutatis mutandis*, Karl Marx chamou de fetichismo. Essa noção, depois de Marx, foi completada pelo marxismo na medida em que esse criou o termo reificação. Fetichismo: o morto (as coisas) aparece como vivo. Reificação: quando o vivo (o humano) se submete e se torna o que aparece como morto. (GUIRALDELLI, 2023, p. 48).

SUBJETIVIDADE MAQUÍNICA: DA DESCORPORIFICAÇÃO À POLÍTICA

A subjetividade e, conseqüente a individualidade, foram sendo modificadas através do processo de mudança do capitalismo, principalmente o capitalismo de plataforma, no qual, os seres humanos foram se reificando em aspectos semelhantes às máquinas e à infosfera virtual presente. Não obstante, apesar dos indivíduos terem a seu dispor um número infinito de informações, tornaram-se solitários e o trabalho individualizado.

O saber difuso e produzido coletivamente se apresenta na infosfera. Ela parece ser um lugar fantástico de socialização do saber, do ponto de vista tanto da construção de saberes quanto da divulgação. Mas, ao mesmo tempo, sabemos que ela própria, a infosfera, é um lugar par excellence do trabalho individualizado, não raro gerando uma subjetividade rasa e simplória. (GUIRALDELLI, 2023, p. 80).



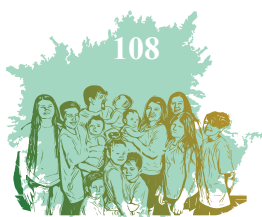
Essa solidão, individualização e atomização do indivíduo pode ser percebida, inclusive, nos corpos, cada vez mais isolados e conectados apenas por imagens da infosfera.

Cada um de nós percebe-se solitário nesse ambiente da infosfera. Solidão que se efetiva muito bem pelo distanciamento físico, de corpos. Há uma espécie de descorporalização no ambiente da infosfera. Franco Berardi, por exemplo chega a falar da geração sem pelos, a “juventude glabra”. Trata-se de uma geração que conhece o corpo mais pela imagem, pela assepsia de símbolos, do que pelo contato com o corpo que possui odores, excreções etc. Cultivam-se corpos que, na verdade, não são propriamente corpos – mas imagens da deserotização do corpo forjadas pela infosfera em seu trabalho de ampliar conexões em detrimento de conjunções. (GUIRALDELLI, 2023, p. 80 – 81).

Assim, vive-se a era do individualismo extremado, o que é habilmente percebido no campo político e social. Como dito anteriormente, após a metade da década de 80 do século passado, ocorreu em escala global, mas principalmente nos países em desenvolvimento e subdesenvolvidos uma retração industrial. Como consequências, houve uma migração para os setores de serviços, individualização do trabalho, enfraquecimento dos sindicatos e, dentro da seara política uma redução da representatividade das siglas partidárias. Não obstante, tudo o que foi citado sobre as consequências do capitalismo de plataforma e, como resultado de uma subjetividade fundida com a máquina, em que o que é vivo passa a ser coordenado pelo que não é, culminou em uma sociedade atomizada em que os aspectos políticos não estão mais no centro da discussão, ou quando estão, são debatidos superficialmente, exatamente através de uma linguagem semiótica, com pouca ou nenhuma reflexão semântica.

Basta ver, dentro do cenário político o apelo por parte da direita extremada e fracassada por um golpe de viés militar. Ignorando os horrores relativamente recentes vividos pelo país no ápice da Ditadura Militar e, a luta pela divisão dos três poderes de Montesquieu.

Quando vou a um país, não examino se há boas leis, mas se as que lá existem são executadas, pois boas leis há por toda a parte.” “Uma coisa não é justa



porque é lei, mas deve ser lei porque é justa.” “Os interesses particulares fazem esquecer facilmente os interesses públicos. (MONTESQUIEU, 1748).

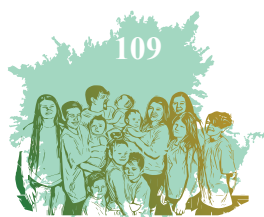
Infelizmente, a política também se encontra atomizada, visando interesses particulares ou fisiológicos. Basta ver o lobby político para o agronegócio publicado recentemente no artigo do jornal Folha de São Paulo intitulado “Commodities Fortalecem Indústria e Brasil Vira Supermercado do Mundo”, de autoria de Fernando Canzian. O artigo comemora o superávit promovido pelo agronegócio em detrimento da indústria de tecnologia e, esquece-se de que a indústria de tecnologia promoveria um ganho rentável financeiro muito mais atrativo e um desenvolvimento tecnológico e educacional para o país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, o presidencialismo de coalizão não pode ser classificado em um fracasso extremo como considerado pelo Professor Marcos Mendes, pelo contrário, ele garante que o poder do Estado não se concentre exclusivamente nas mãos de um único partido, o que corrobora com a divisão de poderes explícitas por Montesquieu. Todavia, é notório que grande parte das siglas partidárias do Poder Legislativo está voltada para os próprios interesses particulares ou partidários (fisiologismo). Entretanto, a solução não passa pelo enfraquecimento das instituições republicanas, mas sim pela pressão social que prime pela volta da representatividade política dessas instituições, representatividade essa diluída pelo neoliberalismo e, conseqüente atomização dos indivíduos que compõe a sociedade e os poderes do Estado.

REFERÊNCIAS

São Paulo: Edições Loyola, 2007. ARISTÓTELES. Política. São Paulo, SP: Martin Claret, 2007.



Guiraldelli, P. Subjetividade Maquínica. Edição Mariangela Cabelo. – 1. Ed. São Paulo, SP: CEFA Editorial, 2023.

Montesquieu: O Espírito das Leis, 1748.

POLANYI.K. A NOSSA OBSOLETA MENTALIDADE MERCANTIL, 1978.

PREREIRA.L.C.B. Capitalismo financeiro-rentista, 2018.

MELO, Carlos; MENDES, Marcos. **Presidencialismo de coalizao tem exigido mais e entregueo cada vez menos**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/07/presidencialismo-de-coalizao-tem-exigido-mais-e-entregado-cada-vez-menos.shtml>. Data de Acesso: 12/11/2023.

CANZIAN, Fernando. **Commodities fortalecem indústria e Brasil vira 'supermercado do mundo'**. Disponível em: <https://www.udop.com.br/noticia/2023/12/11/commodities-fortalecem-industria-e-brasil-vira-180-supermercado-do-mundo-180.html#:~:text=Na%20esteira%20do%20boom%20do,%C3%A0%20frente%20dos%20Estados%20Unidos>. Data do acesso: 11/12/2023.



